

BLIZZARD ENTERTAINMENT

# Middlewick

---

por

Eric Sabol

O soldado ergueu a tocha e se inclinou para a frente. O couro de sua armadura rangeu. Seus olhos se apertaram para examinar. A luz da tocha criava sombras que valsavam pelo pomar e se retorciam entre a vegetação feito apêndices negros coleando à pouca luz das estrelas. Acima dele, o vento — forte e estranhamente frio para o começo do outono — soprava entre as copas das árvores, fazendo com que os sete cadáveres balançassem lentamente, dependurados das forcas.

Ele passou vários minutos aos pés do velho, que estava dependurado do galho de um carvalho baixo. O brilho da tocha escurecia os contornos da frágil carcaça e acentuava sua debilidade esquelética; entre os rasgos na roupa, a luz revelava manchas hepáticas, escaras, veias retorcidas e algo estranho entre as tiras de tecido adejando contra o peito afundado do cadáver. O soldado espichou o pescoço. Com cuidado, ele ergueu a mão enluvada, apertando a vista à luz da tocha e segurando uma tira de tecido na ponta dos dedos. Aproximou a tocha e inclinou a cabeça ao puxar lentamente a tira de pano, seguindo a série de vincos vermelhos que rasgavam a pele do peito do velho e desciam até o esterno, passando pela barriga e...

— Harringer — gritou um homem, detrás da linha das árvores. — Pare de mexer na roupa dos cadáveres.

O soldado girou, com a tocha estendida, derramando luz no caminho escuro entre as árvores. O recém-chegado sorriu, de mãos na cintura. Sua armadura negra quase o escondia entre as sombras e a folhagem. Ele avançou ainda sorrindo — duas fileiras de dentes brancos perfeitos contra uma paisagem austera de rugas profundas e barba por fazer — e se postou ao lado do jovem soldado.

Harringer se virou para o cadáver balançando na ponta da corda. — Stretvanger enlouqueceu — disse, inclinando-se outra vez para examinar os rasgões no torso do velho. — Viu o que ele fez com este sujeito?

O homem de armadura negra sacudiu a cabeça. — Não. E você também não devia. Não é pra mexer, lembra? Não é pra gente mexer nessas coisas.

— Você sabe por quê?

— Não é o meu departamento. — Ele mordeu o lábio inferior, olhando pensativo para o velho corpo. — Stretvanger quer que eles fiquem aí sangrando. Não é pra mexermos neles até o chefe dar a ordem, entendeu?

Harringer aquiesceu distraído, passando os olhos pela carne úmida e macilenta do cadáver. — Ele cortou símbolos no peito e no estômago desse pobre coitado. — Ele passou a tocha para a outra mão e continuou a examinar.

— Ele está tirando todo o sangue deles assim. Stretvanger insistiu. Ele quer os corpos secos feito ameixa seca.

— Estranho, não é? Cortar padrões, digo.

O recém-chegado deu de ombros. — Não é mais esquisito que invadir Middlewick e pedir a execução de quatro fazendeiros, duas garçonetes e uma parteira sem motivo nenhum.

Harringer seguiu a trilha de cortes que descia pela barriga do cadáver e começou a puxar o cordão que lhe servia de cinto. — Esse aqui não era fazendeiro. Era o florista, acho. — Desfez o nó do "cinto", desceu as calças rasgadas e seguiu os rasgões na pele pelas coxas esqueléticas. A corda rangeu no galho.

— Por tudo que é mais sagrado, Harringer, tem um bordel em Southfield. Termine sua patrulha e eu te pago uma bimbada, mas, por amor e misericórdia, sobe aí as calças desse fazendeiro.

—*Florista* — corrigiu Harringer, subindo os trapos e amarrando o cordão novamente. — Você acha que Stretvanger cortou os outros corpos também?

O sujeito cuspiu na direção das árvores. — Não sei. Aquele cara gosta de um segredo. Já se passaram quatro dias, nós matamos sete pessoas e ele não deu uma única palavra de explicação.

Harringer fez uma pausa rápida, parecendo perdido em pensamentos. Ele se virou de repente e partiu veloz para dentro do pomar.

— Harrin... — O homem de armadura negra sacudiu a cabeça e suspirou, então foi atrás do soldado em meio às árvores. — Praga, Harringer, não é pra mexer, lembra?

Quando os passos se afastaram e a luz da tocha de Harringer tornou-se mais fraca entre a folhagem, duas crianças emergiram da escuridão. Dalya e Istanten ficaram parados um pouco, ouvindo as vozes dos soldados, medindo a distância a que estariam. E então Dalya correu na direção do cadáver ressequido dependurado do carvalho. Ela levava uma grande tesoura de jardim enfiada na cintura.

— Fique de olho — disse ela a Istanten. — Eu desço ele. — O menino apertou dois dedos contra a garganta e concordou com um grunhido.

Dalya puxou a tesoura e a prendeu entre os dentes. Agachando-se sob o corpo, ela foi até a árvore e vasculhou o tronco em busca de apoios. Os olhos de Istanten iam da tocha distante de Harringer até Dalya, que subia rapidamente pelo carvalho. Ele a

observava movendo-se entre os galhos, arrastando-se ao longo da copa na direção do nó da corda.

Mais adiante, a gargalhada rouca do recém-chegado ecoava no pomar.

Com um braço em volta do galho, Dalya pegou a tesoura da boca e se esticou na direção da corda. Ela começou a cortar, fazendo um movimento de zigue-zague com as lâminas. A corda sacudia e o galho estalava com o peso e o movimento. Os primeiros fios de fibra rebentaram, desgastados pela tesoura. Dalya persistiu, acelerando o trabalho enquanto a corda esfiapava e o cadáver torto girava lentamente.

Istanten apertou o pomo de adão com dois dedos e grunhiu baixo. Dalya congelou. Um ruído engrolado saiu dos lábios do menino, que saiu do caminho e se meteu entre as sombras. Dalya ouviu a voz de Harringer, ainda distante, mas cada vez mais próxima.

— Istanten! — sussurrou ela, segurando firme no galho. O menino não respondeu. Ela grunhiu, rilhou os dentes e continuou a cortar a corda. Viu a luz da tocha com o canto dos olhos; jatos de luz perfuraram a vegetação e se derramaram no caminho. Dalya cortou com mais força, sentindo os músculos do braço arder e a respiração presa na garganta. A corda se esfiapava contra a lâmina, afrouxando-se pouco a pouco. Os passos de Harringer estavam próximos agora. Ela ouviu as botas dele esmagar folhas e pedras, ouviu o tilintar suave das fivelas da roupa enquanto ele se aproximava. Lutou furiosamente com a corda, cortando fio após fio com o gume frio da tesoura, até que a voz de Harringer ressoou pelas trevas serenas.

— Você aí — gritou ele, sacudindo a tocha.

Dalya virou a cabeça lentamente, apertando os olhos contra a luz do fogo, e discerniu a silhueta do soldado. Seu coração pulava na garganta. Tentou responder, mas

as palavras não vinham, e ela ficou agarrada ao galho em silêncio por vários segundos.

Harringer avançou com a mão no cabo da espada. Dalya engoliu em seco e respirou fundo para se acalmar.

As árvores eram muito densas naquele lado do caminho. Entretanto, se ela pulasse do galho, caísse de pé e saísse correndo para os arbustos, ela e Istanten poderiam desaparecer antes que o soldado pensasse em persegui-los. Mas se caísse de mau jeito... se perdesse o equilíbrio ou torcesse o tornozelo...

Ela considerou suas opções enquanto a silhueta de Harringer se aproximava. Paralisada pela indecisão, segurou firme no galho e observou o guarda chegando cada vez mais perto até parar à base da árvore. Sua mão apertou a tesoura e o braço se enroscou no galho. Dalya retesou o corpo e se preparou para pular, mas Harringer passou direto. Ela sentiu o calor da tocha quando ele passou e viu o sujeito menor alguns metros à frente, iluminado pela luz da tocha de Harringer.

— Senhor! — gritou o soldado. — Aqui é proibido ficar!

O sujeito pequeno não teve resposta. Apenas sacudiu a cabeça, mãos postas à frente, e ficou encarando a jovem dependurada de uma corda. Harringer repetiu o que disse, apertando um pouco o passo. O homem apontou para o cadáver e sorriu com tristeza. — Minha mulher — disse. Harringer avançou impaciente e bateu no ombro do homem. Com delicadeza, ele o levou para fora do pomar, sumindo na escuridão.

Dalya expirou, nervosa. Ela soltou o galho e se firmou onde estava, sentindo o vento nos cabelos e nas roupas. O cadáver girava com a brisa e a corda deu um gemido seco. Istanten saiu do meio do mato, acenou para Dalya e depois apontou para o cadáver.

— O que foi? — sussurrou ela.

A corda girou, gemeu e finalmente arrebentou. O corpo desabou na terra. O galho sacudiu violentamente e arremessou Dalya, que caiu com força em cima do cadáver. Istanten a ajudou a se levantar e esperou que ela recuperasse o fôlego antes de pegar o corpo pelas axilas e arrastá-lo para a vegetação.

Dalya enfiou a tesoura na cintura, bateu o pó das roupas e pegou os pés do velho. — Cuidado com a cabeça dele — disse, e, juntos, eles carregaram o cadáver até as árvores, na direção de Middlewick. Passaram calados pelos campos; o marulhar do rio e o grasnar dos corvos foram sua única companhia no meio da noite.

## II

Dalya tirou os pedaços de tecido rasgado de cima do cadáver esquelético do avô. Ela rasgou um trapo da camisa dele, molhou e esfregou gentilmente a sujeira do peito e do rosto do velho. Limpou as bordas das feridas que cruzavam seu corpo — uma série bizarra de símbolos insculpidos cruelmente na carne — e então arrastou o cadáver frio para o quarto da frente. Os primeiros borrões de luz coloriam o céu da manhã quando ela o pôs na cama e o cobriu com o lençol até o queixo. Deu um beijo rápido em sua testa e foi ao barracão atrás do chalé.

Lá ela deixou a tesoura, pegou uma pá e saiu para o bosque que ficava perto da cidade — o aglomerado de árvores do outro lado do pomar. Ao passar por acres de campos ainda na penumbra, sentindo a mente anestesiada após a missão da noite anterior, ela se viu estranhamente interessada na pá do avô. O velho tinha aquela pá fazia décadas, mas a ferramenta era mais um enfeite que um instrumento; hieróglifos elaborados decoravam a madeira negra do cabo, espiralando até a outra ponta, quando

terminavam na base da lâmina de marfim. A lâmina era estreita e pontiaguda, com finos padrões florais e gavinhas entalhados.

Era uma ferramenta impressionante, e, em doze anos de vida, Dalya jamais vira o avô usá-la.

Ela chegou à clareira quando o sol surgia entre as montanhas. Depois de verificar outra vez suas medidas — um metro e oitenta de comprimento, um e vinte de largura —, enterrou a pá de marfim no chão e escavou, retirando o primeiro torrão de barro. Passou a manhã cavando na floresta, tomando cuidado para não quebrar as raízes nem danificar a flora do lugar, concentrada no solo, afundando-se mais e mais na sepultura do avô.

Ao meio-dia, Dalya parou para descansar. Ela saiu do buraco, mechas de cabelo coladas à testa, rosto e roupas manchados de barro. Vários minutos se passaram. Ela ficou parada apreciando a brisa fresca do bosque, recobrando as energias e meditando ao som do chilrear dos pássaros. A sensação não durou muito.

O som de passos apressados e o estalar dos gravetos a fez sentir um aperto no estômago. Ela se ergueu com a pá nas mãos para se defender. Girando no solo revolvido, examinou as árvores em busca da origem do som, olhos dardejando entre sombras cambiantes e galhos balançando.

Istanten saiu dos arbustos, esbaforido. Dalya, espantada, recuou de um salto e se viu na beirada do buraco, lutando para manter o equilíbrio.

O menino se agachou para recuperar o fôlego, sugando o ar em haustos intermitentes e guturais.

Dalya enfiou a pá na terra e pôs a mão no ombro dele. — O que foi?



Ele olhou para ela, ainda arfando, e apontou para o oeste, na direção da cidade. Então apertou dois dedos contra a garganta e emitiu um grunhido baixo.

Ela se ajoelhou diante do menino, buscando seus olhos, escondidos atrás do cabelo banhado em suor. — Eles encontraram o vovô? — O garoto não respondeu. Apenas arfava, ainda apontando o dedo trêmulo para Middlewick.

Dalya se ergueu e pulou em meio à vegetação, sentindo galhos e espinhos repuxando seus cabelos e roupas. Ela tropeçou em rochas e raízes, mas manteve o equilíbrio enquanto corria em direção à aldeia, ignorando a própria exaustão e o fogo que sentia nos pulmões, irrompendo da linha de árvores como uma só massa arquejante de membros trêmulos. Pulou cercas e atravessou descampados, levantando terra ao passar. De cabeça baixa, sacudindo os braços, sentindo o coração ribombar no peito, avançou pelas ruas, desviando de pessoas, carroças, charretes e animais de carga até dobrar a esquina para chegar ao chalé do avô.

A estrada estava vazia. O chalé estava solitário e quieto no fim da rua. Uma onda de alívio a atravessou como chuva. As pernas de Dalya cederam e ela caiu sobre as pedras da rua. Ficou sentada ali — uma massa de cabelos e lágrimas e falta de ar — observando o chalé com alívio deslumbrado e exausto.

De repente, uma sombra apareceu na estrada, tão grande que ela achou que o sol havia se escondido atrás das nuvens. Dalya se virou, sentindo uma bola de dor ansiosa crescer na barriga.

Stretvanger pairava acima dela, um homem grande feito um carvalho envolto em vestes régias. Seu rosto estava escondido nas dobras escuras do capuz, mas o queixo quadrado se projetava feito um rochedo à beira de um precipício. As roupas folgadas

ocultavam imensidão do vulto, com a exceção do cinto que lhe envolvia a barriga: grossa e lisa, a tira de couro polido, se esticada ao máximo, devia ser mais alta que Dalya, ela pensou. Vários soldados — entre os quais Harringer e seu compatriota de armadura negra — estavam espalhados rijos e estoicos atrás do bispo colossal.

Ele se abaixou um pouco, fazendo o corpo ranger a estalar, e segurou com brandura o braço de Dalya. Com um pequeno puxão, ele a ergueu. — Menininha — disse, com impaciência na voz. — O seu avô está?

Dalya afastou uma mecha de cabelo dos olhos. O calor do olhar de Stretvanger derreteu a confiança dela, e tudo o que conseguiu fazer foi sacudir a cabeça. Ao ver que o bispo continuava encarando, apontou com dedos trêmulos para o bosque ocidental. — Ele está no pomar — respondeu gemendo. — Onde vocês deixaram.

— Resposta inteligente, criança, mas errada. Seu avô saiu de lá ontem à noite. — Os olhos dele se cravaram na porta do chalé. — Mas a morte pode ser um empecilho considerável. Eu acho que ele não foi longe. — Ele apertou entre os dedos a manga manchada de terra de Dalya e reparou no barro seco pregado na calça e na túnica da menina. Seus lábios se estreitaram em um pequeno sorriso. — Você o viu?

— Não, eu acho...

Stretvanger acenou na direção do chalé. — Então podemos dar uma olhada?

Dalya deu um passo cansado na direção da casa, fora da enorme sombra do bispo. — Não.

— Que deselegância! — brincou ele, e uma risadinha espessa ecoou das sombras do capuz. Ele se voltou e vociferou uma ordem ao grupo de soldados em formação. Eles

foram para o chalé, e Stretvanger os seguiu, desviando displicentemente da menina em seu caminho.

Dalya sentiu a garganta fechando de medo e raiva. — Isso... não está certo! — gritou ela. — O que vocês estão fazendo com essas pessoas, com *a gente*, não é direito!

Stretvanger os fez parar. Ele olhou para Dalya por cima do ombro. — As ovelhas não precisam conhecer os propósitos do pastor. Pode ficar tranquila. Nós estamos purificando esta terra.

O temor em seu coração tornou-se ira e tingiu suas palavras de rancor amargo. — Você está errado.

O gigante deu de ombros. Ele murmurou: — Política não é coisa de criança. — Então sinalizou para os soldados. O ar tremeu com o retinir do aço. Os soldados lotaram o chalé com espadas em riste e costas rijas depois que a porta foi arrancada a chutes das dobradiças. — Vasculhem os armários. Entrem no sótão. Examinem a latrina. O corpo está *aqui*, e eu o quero de volta.

A milícia passou pela porta.

— Sangue! — gritou o bispo, atrás deles. — O desgraçado ainda está sangrando. Procurem marcas de sangue escuro.

Da rua, Dalya ouviu o espatifar de vasilhame de barro e madeira rachando. De braços cruzados, com o sol às costas, Stretvanger observou seus homens varrerem o chalé ali parado no gramado, oscilando lentamente nos calcanhares.

Gotas de suor escorriam nos olhos de Dalya. Anestesiada de ódio, ela não piscou para afastá-las. O sal picava e nublava sua visão, mas ela nunca perdeu de vista o homenzarrão desajeitado de vestes pesadas que supervisionava a destruição da casa do

avô. Da casa dela. Ficou ouvindo enquanto reviravam o baú das suas memórias, sua fonte de consolo — o único lugar que podia chamar de casa. E ela tremeu de fúria.

Dalya pegou uma pedra pontuda da rua. Rilhando os dentes e franzindo o cenho, ela mirou as costas de Stretvanger e se aproximou, apertando a pedra a ponto de deixar lívidos os nós dos dedos. Seus olhos estavam cravados no espaço alguns centímetros abaixo do cinto — a base da coluna do gigante. Ela andou rápido, ouvindo o barulho dos próprios passos no calçamento, mas ele não se virou. Quando Dalya chegou à distância de um braço, ergueu a pedra, apertou-a forte nas mãos e mirou o alvo.

Mas antes que ela arremessasse a pedra, Harringer apareceu na porta da frente. Sua espada estava na bainha e seus dedos estavam cheios de cortes e farpas. — Nós encontramos sangue nos lençóis do velho — disse ele.

Os lábios do bispo se abriram um pouco. — Sangue? — A palavra saiu do capuz como um rufar de tambor. — É mesmo?

Harringer não encarou Stretvanger e preferiu cravar os olhos no chão entre os pés do gigante. — Mas não há corpo. Nós procuramos em toda a parte.

Dalya franziu o cenho. Ela deixou a pedra cair e se afastou. Stretvanger ficou em silêncio por muito tempo, depois girou nos calcanhares e olhou para a menina. Ele a encarou friamente por alguns instantes tensos, com as emoções ocultadas pelas sombras do capuz. Então engoliu em seco e acenou de leve com a cabeça.

— Certo — murmurou o bispo, passando pela menina e apertando o passo em direção à cidade.

### III

Por fim, o último soldado saiu, deixando Dalya em meio a uma confusão de roupas espalhadas e baús revirados ao pé da cama vazia do avô. Os lençóis, manchados de terra, a envolviam como um casulo sórdido. Ela chorou abraçando os joelhos e observou a destruição por um véu de lágrimas. Passou vários minutos sentada ali, virando-se de vez em quando para procurar na cama vazia a forma frágil do velho. A marca do corpo ainda estava impressa, junto com sangue seco e sujeira, mas o cadáver sumira, desaparecera feito fumaça na tempestade.

Um gato de rua guinchou ao longe.

Dalya enxugou as lágrimas com os lençóis imundos e levantou-se com alguma dificuldade. Desviando da bagunça, foi à janela e abriu as cortinas. Setas cálidas de luz do sol banharam a cena, iluminando espirais de poeira que se evolavam pelo quarto. Anestesiada, cambaleou até os baús de cerejeira no canto e começou a ajeitar as roupas. Sua mente estava quieta enquanto ela trabalhava, os pensamentos em sua cabeça tinham se acalmado até parar completamente. Juntou as coisas do avô — anotações antigas, alguns anéis manchados que ela nunca vira antes — e as guardou com cuidado nos baús encostados na parede.

No canto oposto do quarto, sob um par de calças amarrotadas, Dalya recuperou o diário surrado do velho. A capa, escura e enrugada, gasta com o tempo, mantinha-se inteira graças a uns últimos fios de fibra; as páginas abanavam, projetando-se da lombada como centenas de línguas amareladas e quebradiças, e ela vislumbrou pela primeira vez as garatujas toscas na capa. A letra parecia familiar, como os cortes no corpo do velho, mas ela não compreendia a língua — símbolos e palavras aleatórios transcritos de qualquer jeito em cada página, derramando-se para as margens, na maior parte do diário.

Viu alguns esboços perto do fim, rabiscos de flores ou paisagens simples, mas nada que reconhecesse imediatamente.

O gato de rua guinchou outra vez, de algum ponto além da porta. O som de arranhões frenéticos e abafados chamou a atenção de Dalya. Ela depôs o livro no chão ao lado dos baús, atravessou o cômodo com cuidado e enfiou a cabeça para fora.

— Alguém aí? — perguntou ela.

Por um instante, o chalé ficou em silêncio. Então o miado furioso recomeçou, vindo da cozinha no fim do corredor. Cansada, andou na direção da origem do som, um passo cuidadoso após o outro, até dobrar a esquina e pisar nas pedras geladas da cozinha vazia. O chão estava repleto de fragmentos de louça decorada, e a mesa de jantar tinha sido virada e jogada contra a parede mais distante. O guinchado nervoso estava mais alto agora. Mais profundo. Mais humano.

Dalya teve um sobressalto e correu até a despensa. Afastando os barris de arroz e batatas, ela enfiou os dedos entre as bordas dos tacos do assoalho e puxou um quadrado. Embaixo do chão, num buraco sob a despensa, viu Istaten sentado. O menino olhou para ela com olhos úmidos arregalados; o cadáver do avô estava por cima dele.

Ela sorriu. — Você está preso? — Istaten grunhiu e esticou o braço para o alto. Dalya agarrou sua mão e, juntos, eles conseguiram que ele sásse de debaixo do corpo. Ele se libertou e enxugou as lágrimas com a manga do casaco. Dalya ficou perto da beirada do buraco por um instante, estudando o cadáver amarrotado do avô.

— Ele... ele está ferido? — perguntou ela. O menino revirou os olhos e deu de ombros, tirando o cabelo do rosto. O avô de Dalya estava desabado de qualquer maneira,

com o pescoço torto e os braços dobrados na cratera apertada. — Eu não queria ter que deixá-lo assim, mas acho que é onde ele está mais seguro.

Istanten grunhiu, concordando. Dalya deslizou o painel de volta, passou por ele e foi à cozinha. — Você fica para vigiar?

Seus olhos escureceram e ele sacudiu a cabeça furioso.

Dalya aquiesceu. — Está bem. Mas precisamos terminar a sepultura. Essa noite. — Ela atravessou o corredor em direção à porta.

Istanten grunhiu baixinho e a seguiu. Seus passos ecoavam na casa vazia.

#### IV

Dalya escavou mais terra da sepultura, arremessando-a de lado com mãos trêmulas. Seus braços doíam. Dor aguda picava-lhe as canelas e tornozelos. Seus olhos estavam inchados e pesados, o corpo estava fraco e debilitado sob um manto férreo de exaustão. O sol do fim de tarde escondera-se atrás de nuvens escuras, e o bosque foi ficando mais frio.

Istanten patrulhava o perímetro, batendo os dentes, sentindo a brisa gélida de outono no corpo. Durante horas, ele observou o bosque em busca de ruídos e sinais de movimento, vigiando a linha de árvores com os braços enfiados na túnica para se aquecer.

As crianças não trocaram palavra até o cair da noite, quando o sapato de Istanten ficou enganchado em uma raiz. O rapaz caiu para a frente, arrastando o rosto contra as folhas mortas e os pedregulhos do solo da floresta. Tirando os braços de dentro da túnica, Istanten se ergueu. Manchas de terra cobriam suas olheiras, mas o luar revelava fadiga agonizante nos olhos, na postura descaída do corpo. Do fundo da sepultura do avô, Dalya

sorriu e ergueu a mão trêmula para o companheiro. Ele cambaleou até ela, agarrou-a pelo pulso e a puxou do buraco.

Dalya enfiou a pá na terra intocada na beira da sepultura. Ela abraçou Istanten e beijou a bochecha suja do menino. — Eu devo muito a você por me ajudar — disse, apoiando-se nele, cansada. — Vá para casa. Durma um pouco.

Istanten se afastou, apertou o polegar contra a garganta e grunhiu, contrariado.

— Está tudo bem — garantiu. — Já terminamos aqui. Está fundo o suficiente. — Ela foi até a linha das árvores e se sentou, apertando os joelhos para melhor se proteger do frio.

O menino a examinou por alguns segundos, emitindo um grunhido baixo que quase se perdeu em meio ao vento.

— Vou ficar sentada uns minutinhos — disse ela, dispensado-o com um aceno da mão. — Você continua. Vejo você amanhã.

Istanten deu de ombros e se virou, partindo para a escuridão com passos pesados e cansados.

Por muito tempo, Dalya ficou sozinha em meio à brisa e o farfalhar suave da folhagem. Ela se sentia desconfortável demais para cochilar, mas, ainda assim, fechou os olhos para descansar e apoiou a cabeça contra a casca áspera de um carvalho, relaxando os membros e esfregando sem perceber os braços arrepiados. Começou a contar os segundos que passavam para esfriar a cabeça. Já chegava na casa do milho quando uma voz interrompeu seus pensamentos.

— Está muito frio pra dormir ao relento.



Os olhos de Dalya se abriram. Ela se levantou e girou, olhando para cada árvore, cada galho, cada sombra cambiante. Viu o sorriso primeiro, dentes imaculados contra a escuridão do bosque. Ao se aproximar, o homem tornou-se um vulto, depois uma silhueta e, finalmente, à distância de um braço, um corpo sólido, usando uma armadura negra como o céu.

O amigo de Harringer do pomar.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela, de joelhos tremendo.

O soldado passou por ela, a armadura tilintava baixinho enquanto andava. Ele ficou em silêncio ao pé da sepultura, de mãos nos quadris, e examinou a clareira. Depois de algum tempo, se sentou e deu um suspiro profundo. — Quem era ele? O velho.

Dalya hesitou, paralisada, encarando as costas do homem de olhos arregalados.

Ele olhou por cima do ombro e ergueu a sobancelha. — O corpo que Stretvanger procura. Quem era ele?

Seus olhares se cruzaram e eles passaram alguns instantes tensos até Dalya dizer: — Ele era o meu avô.

— Com certeza devia ser mais que *isso*, considerando o tempo que já perdemos tentando encontrá-lo. — Uma rajada forte de vento soprou pela clareira. As frondes balançaram sobre suas cabeças. — Ouvi dizer que ele era um fazendeiro.

— Florista — corrigiu Dalya. — Ele era o florista da cidade.

O soldado a encarou, estudando-a nas trevas. — E o que mais?

— Um viajante.

— É?

Dalya aquiesceu. — E carpinteiro — disse, a voz estremeçada pelas lágrimas. — Ele era contador de histórias, e um brincalhão, e amava bicho, ele acordava cedo e...

As palavras se interromperam. Dalya respirou fundo, tremendo. — E ele foi o único parente que conheci. Ele era um homem bom, não merecia isso.

O soldado de armadura negra deu as costas para ela outra vez, suas pernas dependuradas ao lado da sepultura. — Um homem bom — murmurou. Ele falou para o buraco no chão, quase consigo mesmo. — Menina, você vai aprender quando ficar mais velha que nosso reino não é todo em preto e branco. É cinzento pálido, confuso, feio. Do seu ponto de vista, é um lugar onde floristas bondosos são enforcados sem motivo e criminosos usam roupas régias e dão ordens aos inferiores.

Ele se levantou e a encarou. Seus calcanhares estavam na beirada da sepultura. — Mas a realidade não tem tempo para o bem e o mal — continuou ele. — Ela não se importa com a sua perspectiva nem com a minha. A realidade só se preocupa com a verdade, e o seu avô, o contador de histórias que gostava de viajar e de rir, morreu com um coração cheio de segredos. E Stretvanger veio para garantir que *permaneçam* em segredo.

— Deixando ele pendurado no pomar e cortando símbolos no corpo dele?

— Logo você vai aprender a não questionar o homem alto nas vestes reais. Os símbolos são uma rede de segurança que mantêm os segredos sombrios do seu avô nas trevas. Onde é o lugar deles.

Dalya engoliu em seco. — Como você me achou?

— Eu segui você. Depois que você saiu do chalé. Eu esperava que você me conduzisse até o corpo.

— Decepcionei você. Sinto muito.

O homem deu um sorriso brilhante. — Também sinto muito — disse. — Porque você sabe onde está o corpo do seu avô, e isso significa que tenho que arrastar você para Stretvanger. E, acredite, isso *não é bom* para nenhum dos envolvidos. — Ele estendeu o braço para ela. — Agora venha. Estamos ficando sem tempo.

Dalya sentiu o peito tenso. Sua exaustão sumiu em um oceano de ferocidade, ela puxou a pá do chão em um movimento fluido e a girou. A parte afiada rasgou o rosto do homem, arrancando pele e carne do osso. O som do marfim batendo no crânio reverberou pela clareira em uma onda de choque. O soldado girou de lado e caiu dentro da sepultura vazia.

## V

Middlewick brilhava como uma lanterna sob o céu negro, coberta pelo fogo e pelos gritos dos moribundos. Dezenas de soldados marchavam por ruas e campos e fazendas com tochas erguidas e espadas desembainhadas. Súplicas desesperadas e o crepitar das chamas grassavam pelo ar noturno enquanto os soldados de Stretvanger quebravam janelas, arrombavam portas e incendiavam as casas. Os aldeões acorriam às ruas feito ratos, agarrados aos filhos e aos seus pertences, cambaleando confusos pelos campos em pijamas chamuscados.

A voz de Stretvanger atroava em meio ao caos como uma trompa abafando o retinir da batalha. — Eles têm cicatrizes! Procurem as cicatrizes! — gritava o bispo enquanto a multidão passava por ele. — Procurem as runas e purifiquem os corpos com fogo! Se sangrarem, é porque não estão mortos!

Dalya saiu agachando-se entre os campos, com o fedor de fumaça picando-lhe os olhos. De joelhos, ela circundou a cidade, engatinhando até encontrar o chalé do avô além do mato alto. Reunindo as últimas energias, correu até a casa e passou pela porta arrebitada. Atravessou o corredor, caiu ao entrar na cozinha e se estatelou desajeitadamente entre os pratos quebrados. Suas pernas estavam geladas e ela não tinha equilíbrio bastante para se levantar; em vez disso, arrastou-se até a despensa, preparada para fugir engatinhando de Middlewick arrastando o avô consigo se não conseguisse se levantar.

Afastando os barris de comida derrubados, ela arrancou os tacos soltos do chão e olhou para dentro do buraco. O fedor de decomposição queimou suas narinas e a engasgou como um emaranhado de anzóis. Um choro violento subiu em seu peito, e Dalya começou a tremer.

O buraco estava vazio. Passos cautelosos ecoaram pela casa.

— Istanten? — disse ela, mas não houve resposta.

Ela remexeu entre os destroços no chão da despensa, afastando cacos de louça e ripas de madeira e tacos partidos. Revirou a bagunça atrás de uma faca ou garfo ou pedaço de prato grande o suficiente para perfurar a porta, mas parou no meio da busca ao ver a tesoura de jardim no corredor, depois da cozinha.

Manchada de sangue, do cabo à lâmina.

A luz das tochas derramava-se pelas paredes, e Harringer — um vulto curvado com o peso da armadura pesada — entrou em seu campo de visão, obstruindo a porta da despensa. Ele parou para examinar Dalya na luz, depois inclinou-se para a cozinha e gritou: — Achei! Ela está aqui.

Do lado de fora vinham ruídos abafados de conversa. Harringer ofereceu a mão, mas Dalya se afastou, chegando mais perto do buraco vazio. — O que está acontecendo? — perguntou ela, sentindo as palavras roucas e rachadas ao passar por seus lábios.

— Algo que eu nunca vi antes. — respondeu ele. — Seus olhos estavam arregalados e cheios de preocupação. — Os outros seis corpos desapareceram do pomar.

— Desapareceram?

— Não estão lá. Sumiram.

— E o meu avô?

Alguém gritou do lado de fora. Os dedos de Harringer pousaram no cabo da espada. Seus olhos voltaram a se cravar em Dalya e ele ofereceu a mão novamente. — Temos que ir.

Ela olhou para ele por vários segundos, respirando rápida e tropegamente. — Acho que não consigo me levantar.

Harringer se aproximou e a ergueu do chão. Dalya abraçou seu pescoço e ele recuou da despensa até a cozinha. As ruínas dos pratos e da prataria rachavam sob as botas do jovem soldado. Assim que apareceram no corredor, Stretvanger pousou a mão enorme e nodosa no peitoral de Harringer.

— Ponha ela no chão — rosnou o gigante, com a cabeça levemente abaixada sob o teto do chalé. Manchas sangrentas coloriam a frente de suas vestes, e uma trilha fina de escarlate seco descia por uma orelha.

Harringer hesitou. Stretvanger o esbofeteou, mandando o soldado de volta para a cozinha. Dalya se soltou e desabou no chão; o vulto gigantesco do bispo se aproximou

dela. Ele enfiou a mão na túnica e puxou uma adaga curva. Seus dedos agarraram o cabo feito serpentes magras e ele se aproximou, a coluna e os joelhos estalando com o peso.

Seu hálito era como cinzas quentes no rosto dela. — Onde está o seu avô? — sussurrou ele.

Ela sacudiu a cabeça. — Eu... eu não...

Stretvanger atacou, cortando a bochecha dela com aço frio. Dalya estremeceu e lágrimas assomaram no canto dos seus olhos. — Me mostre! — rugiu ele, agarrando a roupa de Dalya e levantando-a. Do canto do comodo, Harringer, pálido e boquiaberto, observou o bispo tocar a garganta de Dalya com a ponta da adaga.

A menina abriu a boca para falar, contorceu os lábios e enrolou a língua, mas não encontrou palavras.

— Eu vou regar as flores do seu avô com seu sangue — sibilou Stretvanger. — Vou arrasar com essa cidade. Vou extinguir qualquer sinal seu da existência se você não me responder.

— Eu... — A faca espetou sua garganta, e Dalya tremeu. Seus olhos encontraram o olhar pétreo inquebrável de Stretvanger e viu que ele não fingia. Não havia truques nem dissimulação ali. Mas também não havia malícia. Dalya viu apenas terror, medo urgente e soberano nas grandes pupilas do gigante. — O bosque. Tem uma clareira a leste saindo do moinho. Ele está em uma cova aberta.

Com a mão da faca, Stretvanger apontou para Harringer. — Vá — berrou, e o jovem saiu pela porta da frente, dando ordens aos gritos aos companheiros na rua.

— Pode me largar, por favor? — murmurou Dalya.

O bispo averiguou a cozinha, sacudindo a cabeça e murmurando "Não, não e não" com um sorriso sutil enquanto vistoriava as paredes. Ele foi até o corredor, levando-a mais para dentro do chalé, abrindo várias portas ao longo do caminho. — Você não está livre, longe disso, menininha. É a bagunça que *you* fez que nós estamos limpando.

Ele abriu o alçapão do porão; uma série de degraus íngremes descia até as trevas sob a casa, como uma língua se projetando de uma bocarra escura. — Volto daqui a pouco para conversarmos — prometeu Stretvanger. — Vamos falar sobre o pecado das mentiras.

De repente, a escuridão avançou. Dalya bateu contra a escadaria, sentiu as costelas se partir e viu o mundo girar quando desabou no porão. Ela bateu no chão de pedra com um baque forte. A porta do alçapão era uma linha estreita de luz, que se extinguiu quando Stretvanger a fechou, impedindo sua fuga.

Do outro lado das paredes, ela ouviu os gritos abafados dos vizinhos enquanto Middlewick queimava. Ouviu o barulho dos ratos fugindo pelos cantos do porão. Ouviu a própria respiração dificultosa e rouca, seus próprios gritos de dor enquanto rastejava na direção da bancada do avô, perdida em algum ponto das trevas.

Estendendo a mão, Dalya tateou a bancada procurando uma vela. Ela a colocou diante de si com cuidado e tentou pescar uma pederneira às cegas. Com o aço na mão, pressionou a vela contra o piso e arrastou a pedra no chão. Uma chuva de faíscas preencheu a escuridão, e, com dedos anestesiados, ela arrastou a pedra repetidas vezes até conseguir acender o pavio.

Dalya apertou os olhos, protegendo-os da luz da chamazinha. Gotas de cera pingavam nos dedos enquanto os olhos se ajustavam à escuridão, e, depois de alguns segundos, ela ergueu a vela e examinou pequenas áreas iluminadas do porão.

A luz da vela passeou por todos os cantos — a bancada, as estantes de livros, os caixotes perto da escada. O cérebro exausto de Dalya quase escamoteou o homem velho e ressequido encostado na parede oposta. Seus traços eram familiares — a curva dos ombros, a linha do cabelo —, mas o sujeito estava emaciado e roto, como alguém que usasse a pele do avô dela. Os olhos eram brancos e cruzados de veias, refletindo a luz da chama, e a boca pendia aberta feito um rasgão em um pedaço de tecido. Todos os membros pareciam deslocados, e ele teve um sobressalto quando Dalya o encarou.

A pulsação de Dalya retumbava em seus ouvidos.

A criatura grunhiu e cambaleou para a frente, mostrando as pálidas cicatrizes rúnicas no peito e nas coxas. Dalya afastou-se tateando para trás, respirando dolorosamente, em pânico. Das sombras vieram outros seis vultos, todos caminhando na direção dela, produzindo sons inumanos nas bocas retorcidas.

— Vovô? — gemeu ela.

A vela caiu no chão.